

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

A IMPORTÂNCIA DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA DO JOVEM: Uma releitura da Alegoria da Caverna de Platão

AUTOR: PAULO HENRIQUE GONÇALVES¹

ORIENTADORA: CÉLIA MACHADO BENVENHO²

RESUMO: A compreensão de homem como ser político e sujeito de sua história orienta a necessidade de desenvolver o Projeto de Intervenção Pedagógica com os estudantes do 3º ano do curso integrado de Formação de Docentes do Colégio Estadual Barão do Rio Branco, em Foz do Iguaçu. A Filosofia Política de Platão apresentada em sua obra “A República”, Livro VII, fundamenta a pesquisa e promove o estudo do clássico “Alegoria da Caverna”. As atividades desenvolvidas tiveram o objetivo de contribuir para a formação da consciência política do jovem, estimular a participação enquanto prática social transformadora, desenvolver o espírito crítico e a reflexão filosófica. A questão norteadora que caracteriza a pesquisa parte da realidade do desinteresse e descompromisso do educando com as questões políticas. Observa-se o caráter pejorativo agregado a esse tema, o qual distancia e promove a negação de assumir a identidade de sujeito político. Na busca de alcançar o propósito do trabalho, valeu-se da metodologia apresentada nas Diretrizes Curriculares de Filosofia dividida em quatro momentos: Sensibilização, Problematização, Investigação e Criação de Conceitos, que subsidiou a produção de materiais audiovisuais que ilustraram a releitura da Alegoria da Caverna. As produções mostraram a importância de conciliar a teoria e a realidade, colocando o conhecimento como ferramenta indispensável de libertação e transformação do indivíduo em um cidadão politicamente atuante.

Palavras-chave: Filosofia. Política. Mito da Caverna. Platão.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado “*A importância da consciência política do jovem: uma releitura da Alegoria da Caverna de Platão*” teve como aporte teórico o clássico: “Alegoria da Caverna”, apresentado no Livro VII da obra *A República*, constituindo-se como base para o estudo da concepção Política de Platão. Tem como finalidade formar a consciência política do aluno e estimular sua participação enquanto prática social transformadora, como também, compreender os elementos constitutivos da Alegoria da Caverna relacionando-os com as situações históricas da vida cotidiana dos alunos, contribuindo, desta forma, para desenvolvimento do espírito crítico e a reflexão filosófica.

A questão norteadora que orienta e caracteriza o problema apresentado, é o desinteresse e descompromisso do educando com as questões políticas. Infelizmente, os jovens encontram atualmente as informações referentes à política

¹ Professor da rede estadual de ensino do Paraná, graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Paraná e especialista em Gestão Escolar pela UNIPAR.

² Professora da UNIOESTE - campus de Toledo. E-mail: celia.benvenho@gmail.com

nos meios de comunicações, internet, redes sociais, que nem sempre apresentam uma versão positiva da política, mas sim uma visão distorcida e negativa. Além disso, a maioria dos jovens e adolescentes considera a política como algo chato e muito distante de sua realidade. Pensam que fazer política é papel exclusivo dos adultos, principalmente dos políticos, e como um assunto que diz respeito somente ao governo, aos seus representantes oficiais, ou ainda, sobre eleições, partidos e instituições políticas.

Consideramos aqui a política como toda atividade que as pessoas praticam com o objetivo de influenciar os acontecimentos, o pensamento e, sobretudo, as decisões da vida em sociedade, envolvendo uma tomada de decisão; ela não é algo apenas dos políticos e distante dos cidadãos, ela interessa a todos, faz parte do nosso dia a dia. Entendemos como participação política o poder que o indivíduo possui para interferir e contribuir direta ou indiretamente nas decisões tomadas para a vida em sociedade. É uma ferramenta importante que pretende proporcionar ao aluno a emancipação intelectual, intercambiar pontos de vistas, refletir sobre diferentes questionamentos e sobre o seu próprio modo de pensar e se posicionar diante de situações apresentadas. O jovem, como indivíduo inserido no mundo, é um ser capaz de conhecer a realidade social e política na qual está inserido.

A participação dos jovens na política esteve muito presente em momentos históricos importantes para o nosso país, como as manifestações para o Brasil se tornar uma República, a resistência à ditadura através do movimento estudantil, a luta pelas Diretas Já, as caras pintadas, entre outros. Essa participação envolve assumir a postura de transformar a realidade em sua volta.

Muitos questionamentos que aparecem na vida do jovem estão relacionados à fase que estão vivendo, e, infelizmente, não está presente no diálogo familiar, na escola ou até mesmo na sociedade, um exemplo é a questão política. Não se discute a corrupção, a falta do interesse público pelo bem comum, a desordem e o descaso das instituições políticas em todas as suas instâncias, o desvio de verbas públicas, o superfaturamento de obras, compra de votos para se eleger, e muitos outros problemas que denigrem a imagem da política.

Assim, observa-se em nossas escolas, e não diferente nesta do projeto de intervenção, um desinteresse e descompromisso do educando com a política. Como também, percebemos que os adultos ainda têm grande dificuldade de ver no jovem um sujeito ativo que tem muito com o que contribuir à política.

REVISÃO DE LITERATURA

A Alegoria da Caverna de Platão é uma das histórias mais clássicas da Filosofia, e está contida no Livro VII da obra *A República*, em grego: *Politéia*. A obra tem como objeto de estudo as formas de governo de modo geral. Nela, Platão critica as estruturas políticas constituídas, apresenta valores morais permanentes e uma estabilidade política que garantam uma harmoniosa administração na *polis*, mantendo-a livre dos interesses particulares.

O filósofo apresenta, ainda, uma cidade ideal, perfeita, que possibilitaria a promoção de uma vida justa e feliz. Mas não está falando diretamente da concretização desta cidade, mas sim sobre o que seria a justiça e como seria uma cidade justa. Para explicar isso, ele vai demonstrar que a justiça dependeria de certo ordenamento, então, constrói em pensamento esta cidade.

Na obra, o autor define sua teoria política, retratando como a *polis* ateniense estava organizada e a importância da educação na constituição do Estado ideal. Além de tratar da relação dos homens com a *polis*, apresenta também, sua teoria em relação ao conhecimento. Trata de graus de conhecimento que podem ser atingidos pelo homem, o conhecimento sensível e o conhecimento inteligível. O conhecimento sensível é útil para as pessoas comuns, pois, sendo cópias imperfeitas das coisas, não passa de ilusões, e dessa forma, escondem a verdade. E o inteligível, exclusivo aos filósofos, é o conhecimento verdadeiro que nos permite o acesso ao mundo real. Desse modo, somente os filósofos, que possuem o conhecimento perfeito, deverão governar a *polis*. Pois, de posse da verdade, poderiam estabelecer uma cidade justa.

Para compreender melhor a política platônica, precisamos entender a sua concepção de homem. O homem é composto de corpo e alma. O corpo é imperfeito, envelhece e acaba, enquanto que a alma é imortal e migra de um corpo para outro, após a morte do mesmo. A alma é tripartite: 1) Racional: localizada na cabeça, representa a inteligência e se dedica ao conhecimento, cujo objetivo é controlar as outras duas partes, e com ela adquirimos a virtude da sabedoria e da prudência; 2) Irascível: localizada no coração, emotiva ou colérica, representa as emoções e defende o corpo contra as agressões do meio ambiente e de outros humanos, reagindo à dor para proteger nossa vida, tem como objetivo fazer prevalecer os sentimentos e com ela adquirimos a virtude da coragem; 3)

Concupiscente: localizada no baixo-ventre, representa os desejos carnis de sobrevivência e reprodução, e busca satisfação dos apetites do corpo, tanto os necessários à sobrevivência como os que apenas causam prazer, não é atribuída a ela nenhuma virtude exclusiva.

Platão atribui uma virtude presente na alma como um todo, que é a temperança, esta é adquirida quando cada parte está realizando a sua tarefa específica no corpo, sem que uma interfira na função da outra.

A partir dessa classificação da alma e, conseqüentemente, das virtudes correspondentes a cada uma, Platão divide a cidade em três classes, cada qual com uma função específica. A primeira classe, a dos produtores (artesões e agricultores), cuja função seria a conservação econômica do Estado e estaria submissa às outras classes; a segunda, dos guardiões (guerreiros), educados para as responsabilidades cívicas, caberia à guarda interna e externa do Estado e seria submissa à classe dos sábios; e a terceira, a dos sábios, que possuem habilidades e aptidões para o estudo, cuja função seria a de governar o Estado, sendo superior às demais. Cada classe deve cumprir com a sua função na cidade sem interferir na função das demais.

Da classe dos sábios, sairá a pessoa que governará o Estado, o chamado Rei-Filósofo, escolhido entre os melhores. Através da sabedoria ele será capaz de realizar a justiça social, pois conhece a realidade das coisas e adquiriu o sentido de justiça e bondade. No governo do rei-filósofo, todas as quatro virtudes (sabedoria, coragem, temperança e justiça) sobre as quais deve ser construído o Estado Ideal, só são conhecidas, úteis e valiosas a partir da ideia de Bem. Assim, a ideia do Bem se constitui no mais alto saber, próprio do Rei-Filósofo e cabe a ele organizar e administrar a cidade.

Seguindo a divisão de classes existente na cidade, conforme enunciado, a classe dos produtores, que tem a função de promover o sustento da cidade, corresponde à alma concupiscente, preocupada em satisfazer as necessidades vitais da cidade e conservar o corpo, entre os desejos vitais, também está presente as espécies mais gerais de prazeres, como por exemplo, a riqueza. A classe dos guerreiros, com a função de promover a segurança da cidade, está relacionada à alma irascível, como característica o sentimento de cólera e a virtude da coragem, na função de proteger o corpo. E a classe dos sábios, que tem a função de governar a cidade, cuja virtude é a sabedoria e a prudência, está relacionada à alma racional.

Esta virtude deve dominar e controlar as demais e tem a função de governar o todo, pois, é caracterizada pelo elemento da razão. Sendo racional, a parte sábia da alma, consegue distinguir e definir o que é mais conveniente para as demais partes da alma. Com base nas especificidades de cada parte, Platão conclui que compete à parte Racional governar toda a alma. As outras partes devem ser a ela subordinadas.

Para compreender a cidade perfeita, proposta por Platão, cada uma das partes da cidade devem cumprir a função que lhes compete, sempre regidas pela razão. A virtude da temperança, presente em todas as almas, tanto em quem governa como em quem é governado, manifesta-se na cidade quando há o controle de cada uma das partes, tanto dos desejos quanto da cólera. Deste modo, a virtude da justiça se apresenta quando cada um faz o que lhe compete.

Uma vez estabelecido essa ordem, é preciso selecionar o melhor e mais dedicado dos governantes para liderá-los, que tomará as decisões em vista unicamente ao bem da cidade e não ao bem próprio, pois acredita ser mais valioso o ouro de sua alma do que qualquer riqueza existente na cidade, não aspirando nenhum benefício próprio além do que receberam na sua alma.

Na narrativa da Alegoria da Caverna, que inicia o Livro VII, Platão discute sobre a diferença entre o conhecimento sensível e o inteligível e apresenta a figura do filósofo como aquele que escapa dos grilhões e, de posse da luz da verdade, consegue perceber a diferença entre as sombras e a realidade das coisas, demonstrando que o conhecimento transforma a realidade e estabelece a justiça desejada. Esse conhecimento exige uma transformação radical e demonstra a importância da educação do indivíduo para um filósofo que o tornará um legítimo governante da polis.

Marilene Chauí, em seu livro *Introdução à História da Filosofia*, apresenta e interpreta os elementos constituintes da caverna de Platão:

A caverna, diz Platão, é o mundo sensível onde vivemos. A réstia de luz que projeta as sombras na parede é um reflexo da luz verdadeira (as ideias) sobre o mundo sensível. Somos os prisioneiros. As sombras são as coisas sensíveis que tomamos pelas verdadeiras. Os grilhões são nossos preconceitos, nossa confiança em nossos sentidos e opiniões. O instrumento que quebra os grilhões e faz a escalada do muro é a dialética. O prisioneiro curioso que escapa é o filósofo. A luz que ele vê é a luz plena do Ser, isto é, o Bem, que ilumina o mundo inteligível como o Sol ilumina o mundo sensível. O retorno à caverna para convidar os outros a sair dela é o diálogo filosófico. O conhecer é um ato de libertação e de iluminação. (CHAUÍ, 1994, p.195)

O autor Dave Robinson, na interpretação do mito da caverna, procura explicar a diferença entre os filósofos e os demais, como também, o papel do primeiro no governo da cidade.

Os seres humanos são como prisioneiros. Quando olham para o mundo material, tudo o que veem é uma disposição enganosa de sombras e cópias. Os poucos que “escaparam” dessa visão ingênua, o fizeram devido a seu conhecimento de matemática pura e geometria. É por isso que certo conhecimento sobre a matemática é um pré-requisito essencial para qualquer tipo de sabedoria moral ou política. O trabalho deles é entrar no mundo prático da política e usar seu conhecimento especial para ajudar o Estado. Contudo, uma vez que há dois tipos de conhecimento, deve haver dois tipos de pessoas. E um dos tipos está destinado a ser governado pelo outro. (ROBINSON, 2013, p.98)

Podemos fazer uma releitura política da Alegoria, colocando a caverna como a representação da vida política numa sociedade. O prisioneiro que se liberta das correntes, e vai em direção à luz da verdade, é aquele que transcende a escuridão rumo à liberdade, dirigindo-se a essência das coisas. No entanto, não deve permanecer na contemplação, mas sim, retornar à caverna e exercer o poder, assumir o governo, não em prol de interesses pessoais, e sim, em nome da sabedoria que detém, buscando assim, a libertação dos prisioneiros acorrentados.

Para Platão, somente o filósofo deve dirigir a cidade, porque a sua natureza é a do homem sábio, uma sabedoria que distingue o que é essência do que é aparência. O filósofo não é um simplesmente um teórico, mas alguém que deve mudar seu modo de viver para seguir o bem. Ele tem em si o ideal de bem para todos e o dever de lutar para promover a cidade justa, que consiste em estar bem ordenada de modo que cada um participa dela conforme aquilo para o qual a sua natureza é mais apta.

Contudo, observa-se na Alegoria da Caverna, que os prisioneiros não estão dispostos a descobrir a verdade, de sair da caverna e compreender a realidade. Pior ainda, não estão disponíveis para a mudança e agridem os que a desejam.

Podemos relacionar essa apatia às novas possibilidades dos prisioneiros, com a alienação³ que é imposta à humanidade. A alienação está diretamente relacionada ao como o indivíduo se vê em sociedade. Na renúncia de algumas liberdades e direitos individuais em favor de outrem ou do Estado, impossibilitando à tomada de decisões, do pensamento próprio e independente e, por conseguinte,

³Esse termo, que na linguagem comum significa perda de posse, de um afeto ou dos poderes mentais, na linguagem filosófico-política: diminuição da capacidade dos indivíduos em pensar ou agir por si próprios.

aceitando as consequências como naturais. O indivíduo age de forma a não saber o porquê, sem conhecimento do que está por trás de uma simples ideia, como também, não se importa com o que está acontecendo ao seu redor.

Percebemos que o homem contemporâneo está afetado por esta alienação, em todos os segmentos de sua vida: política, social, religiosa e civil. Nesta sociedade, as relações são determinadas pelas condições sociais e seus aspectos econômicos e mercantis. Além de desviar o interesse dos indivíduos de atividades essenciais à própria vida, como a política e o destino da sociedade.

Esta realidade está muito bem retratada na obra de José Saramago, *A Caverna*. Nela, o autor apresenta uma analogia entre a caverna de Platão com o mundo contemporâneo, ou como ele chama de “*Centro*”: um lugar onde estão concentradas as relações comerciais e industriais da cidade. Lançando um olhar para o modelo político e econômico, que está centralizado na economia sem fronteira, onde os grandes conglomerados e corporações econômicas controlam o mercado mundial com mais poder político do que os próprios Estados.

A *caverna* narra a história de Cipriano e sua pequena família que moram no campo perto do *Centro*, um gigantesco conglomerado comercial, onde seus moradores são proibidos de sair, usam crachás e são monitorados por câmaras o tempo todo. Cipriano é oleiro e sobrevive da venda do seu trabalho ao *Centro*. Quando seus produtos deixam de ser comprados e sem outro ofício se vê em uma situação desesperada, restando a única opção de mudar-se para o *Centro* a convite do genro que é guarda de segurança. O *Centro* aparece como um local de trabalho, comércio e diversão, mas com algumas características peculiares, entre elas, a de não permitir que seus habitantes abram as janelas e vejam a luz do sol. No subsolo do centro, Cipriano e seu genro, descobrem uma verdadeira caverna, com pessoas atadas em uma posição que os obriga a olhar unicamente para a parede à sua frente. A descoberta revela que as pessoas do subsolo representam nada menos do que todos que ali moram e que eles também vivem em uma espécie de caverna.

A versão de Saramago apresenta a face cruel da sociedade contemporânea, demonstrando um sistema de consumo que aprisiona os homens, que aliena as sensações e ações dos indivíduos, desde o nascimento até a sua morte. A ideia do *Centro* na obra, não representa unicamente um local físico, mas sim, a constituição de uma ideologia na sociedade. Pois, no subterrâneo do *Centro* encontram-se pessoas presas por ataduras, em uma posição que só conseguem observar a

parede à sua frente. Essas pessoas representam todos que se encontram presos e alienados a uma determinada ideologia. Estamos atualmente seguindo ideologias e crenças cada vez mais ligadas ao consumo e as mídias, e fazendo delas modelos de vida. O autor pretende mostrar-nos as ataduras que nos prendem, para que possamos ser capazes de nos livrarmos delas.

Podemos citar também como exemplo, o poema de Berthod Brecht, “O Analfabeto Político”, onde apresenta um indivíduo que não ouve, não fala e nem participa dos acontecimentos políticos da sociedade. Este indivíduo não sabe o que determina o custo da sua vida, os valores das coisas, e ainda mais, se orgulha dizendo que não gosta da política.

Em nossa sociedade atual, vemos indivíduos, entre eles jovens e adolescentes, indiferentes às diversas situações apresentadas. É através da busca do conhecimento, que se inicia com a indignação das verdades apresentadas e rotuladas pela sociedade, ou ainda das ideologias dominantes, que se compreende o verdadeiro eixo norteador e as estruturas vigentes no nosso sistema.

Precisamos desempenhar o papel de educadores na formação política e social desses cidadãos, desenvolvendo o interesse e a participação política enquanto prática social transformadora. Principalmente no jovem, pois a sua participação política envolve, antes de tudo, uma formação e, conseqüentemente, uma postura de assumir a transformação da realidade. Os jovens com seus sonhos, muitas vezes, não conseguem achar o melhor caminho para alcançá-los. A educação pode ajudá-los a encontrar a direção correta a se tomar e lhe dará poder para concorrer à emancipação, enquanto cidadão participe de uma sociedade democrática. Como também, usufruindo do conhecimento político, da formação da cidadania, e da tomada de consciência, transforma-se de mero espectador e alienado, em um indivíduo ativo e politicamente atuante.

METODOLOGIA, RESULTADOS OBTIDOS E DISCUSSÃO.

O presente trabalho relata e discute a experiência desenvolvida no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), em turmas do 3º ano de Formação de Docentes do Colégio Estadual Barão do Rio Branco, localizado no Município de Foz do Iguaçu.

Tendo em vista, a necessidade de instigar nos educandos o interesse em buscar possíveis respostas para os problemas apresentados, é necessário que, primeiramente, estes problemas estejam diretamente relacionados ao seu cotidiano. Desse modo, utilizamos a proposta metodológica, apresentada nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica, da Secretaria de Estado da educação do Paraná, 2008, que propõe a divisão do trabalho em quatro momentos: Sensibilização ou Mobilização, Problematização, Investigação e Criação de Conceitos⁴. Essa metodologia, apresentada por Silvio Galo, propõe que a aula de filosofia deve ser uma oficina de conceitos, onde se espera que o aluno crie ideias novas, pense por si e invente. Os conceitos surgidos no momento de sensibilização são delineados na problematização e confrontados com outros já produzidos historicamente na etapa de investigação e são recriados a partir de problemas, tendo como elementos o tempo e o lugar onde vivem.

A Sensibilização e a problematização foram desenvolvidas em três momentos em que as duas atividades foram alternadas em cada um desses momentos. Num primeiro momento, foi apresentado o poema de Bertold Brecht “O Analfabeto Político”, com o intuito de estimular o aluno a refletir sobre o termo política, suas impressões e implicações. O poema possibilitou um início de conversa sobre a importância de cada um para o funcionamento da sociedade e a reflexão se isso seria política ou não. Após a leitura do poema, os alunos apresentaram os seus conceitos em relação à política. Um número expressivo se considera analfabetos políticos, sob a justificativa de não ter conhecimento sobre política, nem tiveram interesse em aprender sobre o assunto e participar de debates que envolvem esse tema, sendo influenciados pela opinião dos adultos. Constatando dessa forma uma visão negativa da política.

Num segundo momento, promoveu-se a “Observação de Campo”, atividade compreendida na realização de caminhada com a turma pelo entorno da escola, com o objetivo de identificar a presença ou ausência de ações políticas nos espaços e bens públicos. Apontaram como espaço público a pista de caminhada, parque infantil, quadra de esportes, Hospital Municipal, Fórum, Polícia Civil e Federal,

⁴ Para o autor Silvio Gallo a aula de filosofia no Ensino Médio deve ser uma oficina de conceitos. Não pode ser ensinada com um método rígido. A matéria prima da aula de filosofia são os conceitos já produzidos historicamente, os alunos precisam reinventá-los, adaptá-los e dar novos significados, fazendo-os pensar por si mesmos, surgem novas ideias, novas criações, novos conceitos. (GALLO, 2012).

APAE, CRAM, o próprio Colégio, entre outros. Como bens públicos, a iluminação pública, sinalização de trânsito, bancos, lixeiras, academia da terceira idade, telefone público, ponto de ônibus e câmeras de segurança.

O passeio permitiu que os alunos observassem de fato a realidade, analisando como as ações políticas eram visíveis ou não nos espaços públicos por eles observados. A percepção de que ela está diretamente relacionada com a sua vida, motivou a participarem ativamente da discussão sobre o modo como a “coisa pública” estava sendo cuidada tanto pelo poder público como pelos próprios cidadãos e como isso se caracteriza uma ação política.

Para retomar as questões levantadas na Sensibilização inicial e confrontá-las com as percepções dos alunos em relação aos espaços e bens públicos e as ações políticas, realizamos uma Roda de Conversa. Durante o diálogo, evidenciou-se a presença de ações políticas como: respeito às sinalizações de trânsito, a coleta de lixo, treinamento do exército, polícia fazendo ronda, transporte público, ruas pavimentadas com saneamento básico, reciclagem de lixo, entre outras. Bem como, a ausência de ações políticas, citaram: Lixo nas ruas, vandalismo dos bens públicos (banheiros), falta de manutenção dos brinquedos do parque, terrenos abandonados, falta de segurança, academia em péssimas condições, falta de bebedouro público, falta acessibilidade, falta de calçadas, ponto de ônibus depredados, entre outras.

Num terceiro momento, foi realizada a Dinâmica⁵ “Cidadão Ideal”, que apresenta os diferentes tipos de cidadão presentes na sociedade: cidadão desinteressado pela política; cidadão consciente sobre os problemas da sociedade; e cidadão ativo e politicamente participativo. A dinâmica consistiu em separar três voluntários do grupo e retirá-los da sala por alguns instantes. Aos demais, foi orientado que deveriam tomar algumas decisões e agir de determinada maneira, quando um dos colegas entrar em sala, conforme a orientação do professor. Para os alunos que saíram da sala, também foi orientado a procederem e se comportarem seguindo a orientação determinada.

Após a dinâmica os alunos deveriam preencher um quadro com as características que observaram em cada personagem, ou tipos de cidadão. Para o cidadão desinteressado pela política, atribuíram as características: ignorância, cético, leigo, desinformado, injusto, confuso, senso comum, preguiçoso, alienado,

⁵ Esta dinâmica foi retirada do livro produzido pelo PIBID/Filosofia da Unioeste – campus de Toledo, “PIBID na Escola: Oficinas Didáticas de Filosofia” e adaptada para a o perfil do cidadão ideal.

não consciente. Quanto ao cidadão politicamente consciente e participativo, citaram as características: informado, presente, crítico, participativo, consciente, interessado, colaborador, justo, culto, comunicativo, honesto, prestativo, ativo, entre outras.

Dessa forma, pode-se afirmar que a dinâmica possibilitou aos alunos analisar os diferentes tipos de cidadão, apontando qual o perfil mais adequado para a sociedade e identificando quais características necessárias para um cidadão politicamente correto.

As questões levantadas nas atividades anteriores foram aprofundadas com o estudo do pensamento político de Platão, especificamente em sua obra *A República*. Como momento de investigação, primeiramente foi trabalhado, por meio de aulas expositivas, a biografia do filósofo e os principais conceitos de sua Filosofia, especialmente os necessários para a compreensão de sua concepção política.

Alguns alunos, ao longo da apresentação teórica, contestaram os conceitos e a forma com que o autor define a cidade perfeita, principalmente no que concerne à divisão de classes e o papel de cada indivíduo na *polis* grega. Colocaram-se contra a ideia do autor de que uma classe não deve interferir na função da outra, e que cada uma deve aceitar a sua função sem questioná-la. Quando interrogados sobre os tipos de classes, partes do corpo, alma e virtudes, observou-se uma crítica e discordância da sociedade hierárquica e classista de Platão, onde não permite a ascensão social do indivíduo, a interferência de uma classe sobre a outra, e também, que somente os magistrados, ou sábios poderiam tornar-se reis.

Ao serem questionados se a cidade perfeita de Platão está presente atualmente em nossa sociedade e de que forma, constatou-se a relação dos conceitos estudados com a sociedade atual, conforme a resposta das alunas: *“A nossa sociedade não está dividida exatamente como a de Platão, mas vemos a divisão atual, entre ricos e pobres, onde a maior parte da sociedade é prejudicada”*.
E que:

A sociedade perfeita de Platão coloca os sábios como governantes, os guerreiros como protetores e os trabalhadores com a função de satisfazer as necessidades da cidade. Ainda hoje existe uma sociedade hierárquica, onde os sábios governam e os trabalhadores obedecem, não havendo assim, igualdade de direitos e nem para governar. Atualmente a cidade perfeita está inserida em nossa realidade, a diferença é que no lugar dos sábios, quem governa é os políticos, a classe alta.

Na sequência, os alunos foram orientados a organizarem um quadro conceitual acerca dos tipos de homens (ouro, prata e bronze), partes do corpo (cabeça, coração e baixo ventre), classes (sábios, guardiões e produtores), almas (racional, irascível e concupiscente) e virtudes (sabedoria e coragem) segundo o pensamento platônico. A qual todos completaram de maneira correta podendo aferir que compreenderam tais conceitos.

Para atender ao objetivo de possibilitar aos alunos o contato com a literatura clássica, no segundo momento de investigação realizamos a leitura do texto “Alegoria da Caverna”, presente no Livro VII da obra *A República* de Platão. O qual subsidiou o diálogo posterior para a compreensão de palavras desconhecidas e deslindar o pensamento de Platão exposto no mito.

Os estudantes apresentaram muita dificuldade de compreender o texto original, portanto, em caráter complementar, utilizou-se o livro didático “Convite à Filosofia”, de Marilena Chauí, que traz uma versão atualizada do Mito. A qual possibilitou aos alunos identificarem os elementos da narrativa: caverna, prisioneiros, correntes, fogo, sombras, objetos reais, mundo externo, prisioneiro que se liberta, bem como atribuir-lhes significado naquele contexto. Além de entender a intenção do autor em apresentar sua teoria do conhecimento e o conceito dualista de mundo (sensível e inteligível), compreenderam o papel da educação e a relação direta entre educação e política, em que, somente aqueles que conseguirem ultrapassar o conhecimento sensorial, através da aquisição da sabedoria, poderão governar a *polis* e garantir o cumprimento da principal virtude do homem, a justiça.

Posteriormente, os alunos fizeram um debate em grupos sobre a atual conjuntura social, política e econômica em que se vive. O debate foi motivado por recortes de jornais, revistas e notícias publicadas nos meios de comunicações sociais com a intenção de identificar nas diferentes notícias, principalmente o tipo de político, a participação da população, legislação, ideologia presente, benefícios ou malefícios para a população, a intenção da mídia que divulgou a notícia, entre outros fatores.

No campo teórico, a leitura do texto clássico “Alegoria da Caverna” e o estudo da política platônica, serviram de alicerce para compreensão dos elementos do mito e relacioná-los com as situações vivenciadas pelos alunos, de modo a facilitar a interpretação da teoria e assim, relacioná-la com a sociedade contemporânea. Isso

possibilitou a formação de conceitos, quarto momento da metodologia, no qual os estudantes realizaram uma releitura da Alegoria.

Essa proposta, conforme veremos a seguir, constituiu-se numa atividade diferenciada que não se limitou apenas a leitura, o estudo e a interpretação, mas a produção de um material didático que poderá ser utilizado, posteriormente, em outras turmas para a compreensão desse tema.

Para isso, os alunos foram divididos em quatro grupos de aproximadamente seis alunos, que ficaram responsáveis em produzir um material didático audiovisual, para ser apresentado a turma. Os temas escolhidos foram: “Mito da Caverna e a Política”, “Mito da Caverna e as Guerras”, “Mito da Caverna e a Mídia”, e “Mito da Caverna e o Padrão de Beleza”.

Após definirem o tema, apresentaram o roteiro, onde deveriam estar presentes os elementos constitutivos da narrativa e os elementos da realidade, como por exemplo: o que seria a caverna hoje, as correntes, os prisioneiros, a luz, o que significa se libertar das correntes, entre outros. Os alunos receberam como modelo o “Roteiro para Produção de um Audiovisual”, contido na Produção Didática, que poderiam orientar o trabalho. Com o roteiro e a pré-produção definida, os grupos se encaminharam para a produção propriamente dita, com a captação de imagem, som e a edição.

O vídeo “Mito da Caverna e a Política” apresenta inicialmente a narrativa do mito com o auxílio de imagens, e em seguida o relaciona com a política. Ao final do vídeo entrevistaram duas pessoas com seguinte as perguntas: “*O que você entende sobre política e qual a sua opinião sobre a política atual?*”. Esta produção atendeu as expectativas da proposta de trabalho, pois forneceu informações de releitura da alegoria, onde apresentam a população como prisioneiros; as sombras como as falsas promessas dos políticos; o prisioneiro que sai da caverna o cidadão consciente e comprometido com a política. Esclarecem também que ainda há muitas pessoas que vendem o seu voto por não perceberem que essa atitude favorece a corrupção ao eleger o mal político. A produção está postada no endereço eletrônico <https://drive.google.com/file/d/0B3dRmS5cUe55b1JpdIBzRTFDcWc/view?usp=sharing> e disponível para o acesso e comentários.

Outro grupo produziu o vídeo “Mito da Caverna e as Guerras”, que inicia com a imagem da condecoração de um soldado de guerra pelo Presidente norte-americano Barack Obama, com o título: “Armado em condescendência - A

verdadeira face da guerra”. Em seguida, apresenta o poema de Pablo Neruda “Os inimigos”. Com imagens da Segunda Guerra Mundial mostram as verdades da guerra, ressaltando as seguintes questões: “*O que é a guerra? É justificável? Estamos vivendo em uma?*” As respostas apresentadas permitem ao interlocutor inferir que o vídeo relaciona a guerra com a Alegoria de Platão. A caverna é a própria ignorância da sociedade, as correntes são as nossas acomodações e a aceitação das justificativas que nos são repassadas; o prisioneiro que se liberta são as pessoas que estão nos campos de guerra, que sofrem e vivem essa violência diariamente, conhecendo a verdadeira face da guerra. Terminam a produção com a música de Renato Russo “Pais e filhos”. A produção didática apresentou conceitos e informações necessárias para relacionar o mito da caverna com a atualidade e contemplou perfeitamente a proposta. O vídeo está à disposição no endereço <https://drive.google.com/file/d/0B3dRmS5cUe55S0Q1NzNTcE9GUDQ/view?usp=sharing>

O tema “Mito da Caverna e a Mídia” foi representado por meio da produção de um Telejornal, com o título: “Jornal Sophia”, no qual os alunos foram os personagens, compreendidos em repórter e entrevistados, com o objetivo de explicar como a mídia interfere em nossa vida através dos questionamentos: “*Qual a influência da mídia nos tempos atuais? Você acredita que as notícias que passam na TV são todas verdadeiras? Você percebe a influência das mídias em suas ações? O que você acha que prejudica mais na mídia?*”. Relacionaram a mídia com a caverna na medida em que ela cria falsas ideias, iludem as pessoas com conceitos, produtos e comportamentos. Afirmaram que somente a partir do momento em que passamos a compreender a verdade dos fatos, o que realmente está implícito em uma notícia, programa ou propaganda e debatemos essas informações com outras pessoas, deixamos de sermos prisioneiros e nos libertamos da caverna. A produção termina com a frase de Platão: “Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro. A real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz”. Este vídeo está disponível no endereço eletrônico para análise <https://drive.google.com/file/d/0B3dRmS5cUe55Y0N0SmxUUG5DNHM/view?usp=sharing>.

A quarta produção “Mito da Caverna e o Padrão de Beleza” aborda a realidade da seleção de meninas que almejam serem modelos. O vídeo apresenta uma encenação dos próprios alunos, onde mostra que existe um padrão de beleza que não condiz com a realidade, exigindo das candidatas a modelo um padrão de comportamento que pode vir a prejudicá-la. A relação com o Mito da Caverna está

visível quando afirma que todo padrão é transmitido por ideias prontas, que trazem em seu bojo o interesse de um grupo dominante que deseja fazer dos demais prisioneiros de suas ideias. Somente com o conhecimento e sabedoria podemos nos libertar dessa alienação. O presente vídeo está disponível para consulta no link <https://drive.google.com/file/d/0B3dRmS5cUe55UIJZY2RFc2EzUkU/view?usp=sharing>.

Após a conclusão de todos os trabalhos de produção audiovisual, houve o momento de apresentação e encerramento da Implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica, com a presença de outros professores, equipe pedagógica e direção. Cada grupo inicialmente explicou a sua produção e em seguida apresentou, através do Datashow, o material audiovisual.

A avaliação ocorreu ao longo de toda a implementação, através dos questionários, quadros conceituais, a própria avaliação da teoria política de Platão, como também, a produção audiovisual, levando em consideração o tema, o roteiro, a filmagem, edição e a participação de todos os elementos do grupo.

A Implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola, que totalizou a carga horária de 37 horas aulas, proporcionou aos alunos uma discussão teórica e prática sobre a importância da formação política no jovem, estimulando a sua participação enquanto prática social transformadora a partir da concepção Política de Platão, mais especificamente, da Alegoria da Caverna.

Os alunos demonstraram-se motivados e interessados pelas discussões, atentos às observações e análises da realidade, ansiosos para debaterem e produzirem materiais que apresentam possíveis respostas para as questões históricas da vida cotidiana, através de uma análise e reflexão crítica, colocando-se como sujeitos ativos dos problemas apresentados.

Concomitante à implementação, ocorreu à formação continuada dos professores da rede estadual através do Grupo de Trabalho em Rede (GTR) oferecido pela Secretaria de Estado da Educação. O professor PDE foi o professor-tutor desse curso, onde deveria apresentar e socializar com outros professores de filosofia o seu projeto. Os docentes participantes do GTR por meio de suas contribuições reafirmaram a importância do tema proposto. Conforme exposto pelo Professor Alessandro: “O projeto deixa claro a intenção em promover jovens atuantes protagonistas na construção de uma sociedade mais crítica em seu tempo. Considero extremamente importante tirarmos as viseiras que muitos jovens usam com relação à importância da política em nossa vida. É necessário fazermos os

jovens verem a política não através da definição de politicagem que leva a um preconceito instituído, mas sim pela definição etimológica da arte de governar. Podemos contribuir para uma passagem transformadora de um jovem que não se interessa pela política em um jovem que vê a política como algo tão necessário para a convivência social quanto o ar é necessário para a sobrevivência humana”.

O professor Luís acrescenta: “Sem dúvida o motivo principal não deve ser diferente do que considero primordial, ou seja, demonstrar a importância da participação dos mais jovens na política a partir da tomada de consciência de que dela dependem toda a estruturação de vida que teremos coletivamente, o poder político é o que determina o que é válido e aceito para todos e, portanto alienar-se da participação política é aceitar passivamente o controle das decisões pelos que protagonizam o debate e possivelmente tornar-se vítima de abusos e arbitrariedades, a demonstração clara aos jovens estudantes de que a política concerne a todos e não apenas aos "políticos" é o caminho para a emancipação e liberdade possíveis a partir de possibilidades de vida melhores e mais plenas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Alegoria da Caverna, mesmo sendo escrito há aproximadamente 2300 anos, mantém-se atualizado, podendo ser perfeitamente relacionado com a nossa sociedade. Essa relação ficou muito presente nos trabalhos produzidos ao longo da implementação.

Consideramos que nós indivíduos nos acomodamos e vivemos acorrentados dentro de nossas cavernas atuais. As quais podem ser nossa casa, a mídia, o celular, uma rede social, o shopping center, como também situações apresentadas pela política, religião, guerra, trabalho, educação, padrão de beleza e tantas outras cavernas que impõem uma ideologia a ser seguida. Ideias produzidas e difundidas por quem detém o poder e os meios ideológicos, tornando-se verdadeiras e aceitáveis. Passivos diante dessas situações, somos manipulados, corrompidos, e levados à alienação. Mas como afirma Platão, é preciso o espanto, a indignação que levam a busca pela verdade, e se libertar das correntes da ignorância para poder ver a luz.

O estudo fez com que o educando percebesse que muitas situações da modernidade nos leva a alienação. E para mudar essa situação é necessário sair da

caverna, vencer os medos na busca de construir uma sociedade onde as barreiras da ignorância sejam aniquiladas e a liberdade de pensamento seja a certeza de um mundo melhor.

Observamos, a partir das produções dos alunos, que o campo prático, elo entre a teoria e a realidade, se torna relevante na medida em que permite mostrar o conhecimento como ferramenta de libertação e transformação, e que leva o indivíduo a tornar-se um cidadão atuante e participativo nas decisões políticas e sociais do seu meio.

As produções atenderam aos critérios próprios das formas a serem disponibilizadas e utilizadas em ambiente educacional, através de pendrive, e-mail ou ainda, postadas no portal da Secretaria Estadual da Educação do Paraná, obedecendo aos requisitos impostos pelas leis, como o Contrato de Cessão Gratuita de Direitos Autorais e o Termo de Cessão de Pessoa Física para Pessoa Física.

Avalio como positivo o trabalho de conceituação e produção de vídeos, pois os alunos, além de dominar o conteúdo específico proposto, compreenderam a relação entre o mito e a atualidade, apresentando senso crítico e criatividade na sua execução. Não se pode deixar de mencionar também, o domínio da tecnologia e programas para esta finalidade. Os alunos mostraram-se motivados pelo manuseio de programas de computador, celulares, internet, entre outros, o que tornou a atividade produtiva e a aprendizagem mais significativa.

O presente trabalho está disponível no portal diaadiaeducacao para análise e estudo, tanto para alunos, quanto a outros professores da disciplina de filosofia e disciplinas afins, do conteúdo estruturante Mito e Filosofia, principalmente referindo-se ao estudo da Alegoria da Caverna de Platão.

REFERÊNCIAS

BENVENHO, Célia M.; WELTER, Nelsi K.; MERTENS, Roberto S. (orgs). **PIBID na escola: oficinas didáticas de filosofia**. Porto Alegre: Evangraf: Unioeste, 2016.

_____; COMINETTI, Geder P.; PORTELA, Luis C.Y. (orgs). **16 aulas de filosofia para o ensino médio: Descartes, Hume, Platão, Aristóteles**. Porto Alegre: Evangraf; Paraná: Unioeste, 2015.

BRECHT, Eugen Bertholt Friedrich. [seleção e tradução: Paulo Cesar de Souza]. **Poemas 1913-1956**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

BRISSON, L., PRADEAU J. **Vocabulário de Platão**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

CHAUI, Marilene de Souza. **Convite à Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. **Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles, volume 1**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Iniciação à Filosofia: ensino médio, volume único**. São Paulo: Ática, 2010.

GALLO, S.; KOHAN, W. O. (Orgs). **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Metodologia do ensino de filosofia. Uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papyrus, 2012.

GHIRALDELLI, Jr. Paulo. **Dossiê Platão**. São Paulo: Universo dos Livros, 2011.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares para o ensino médio filosofia**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_filo.pdf. Acesso em: 05 de julho de 2016.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Anna Lia A. A. Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ROBINSON, Dave. **Entendendo Platão**. São Paulo: LeYa, 2013.

ROGUE, Christophe. **Compreender Platão**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SARAMAGO, José. **A Caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TRABATTONI, Franco, **Platão**. São Paulo: Annablume, 2010.

TV ESCOLA. O canal da Educação. **Oficina de Produção de Vídeo**. Disponível em: http://curtahistorias.mec.gov.br/images/pdf/dicas_producao_videos.pdf. Acesso em: 05 de julho de 2016.